



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ROBERTA CABRAL RANGEL

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: Reflexões sobre alfabetização no
ato de aprender e ensinar**

Salvador
2013

ROBERTA CABRAL RANGEL

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: Reflexões sobre alfabetização no
ato de aprender e ensinar**

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito básico obrigatório à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Vera Lucia Bueno Fartes

Salvador
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

ROBERTA CABRAL RANGEL

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: Reflexões sobre alfabetização no ato de aprender e ensinar

Memorial aprovado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, UFBA, pela seguinte banca examinadora:

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Nome: _____

Titulação e instituição: _____

Salvador, ____/____/ 2013

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, foi um trabalho árduo e cansativo. As emoções estão a flor da pele, mas o alívio de ter alcançado mais uma vitória em minha vida, é muito bom. Esse é mais um passo em minha caminhada, rumo ao início de uma carreira profissional que só se solidificará a cada dia. Mas de nada eu seria capaz sem o alicerce de minha vida. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter estado ao meu lado, nos momentos de força e fraqueza.

A minha mãe Silvana Cabral, por ter dedicado um tempo em meio a sua vida corrida para ler o meu trabalho, me dar sugestões. Foi fundamental. Ao meu pai Roberto Rangel e minha avó Ana Rosa, pela força e incentivo de sempre para a conclusão desse trabalho. As minhas amigas, principalmente Fábria Souza que esteve disposta a me ajudar quando precisei.

Ao Colégio Nossa Senhora das Mercês que me ofereceu uma excelente base em minha educação durante os 15 anos que passei lá, e principalmente por me proporcionar uma aprendizagem profissional que servirá para a minha vida toda. Agradeço ao Colégio também pelas experiências vividas e construídas lá através do Método Natural.

Aos mestres da UFBA, por me ajudarem a chegar até aqui e ter a capacidade de construir minha própria trajetória, principalmente a Prof^ª. Vera Fartes, minha orientadora, que me apresentou uma nova modalidade de escrita, tão aprovada e aceita por mim, o memorial de formação. Um passo de cada vez, foi assim que construí minha caminhada até chegar onde estou, sendo esta mais uma realização na minha vida.

RESUMO

O memorial de formação é uma análise do que foi vivenciado pelo sujeito durante sua vida e quais experiências foram marcantes, significativas na criação de sua identidade e de que forma essas vivências interferem nas suas decisões e escolhas. Este trabalho traz minhas reflexões sobre a minha vida pessoal, minha alfabetização e como essas questões estão relacionadas com a decisão de me tornar pedagoga. A Alfabetização Natural, em que tive a oportunidade de vivenciar enquanto alfabetizanda e alfabetizadora é o tema principal de minha análise, sendo assim, trago algumas justificativas nas quais demonstro como esse método pode ser eficaz e prazeroso. Justificativas essas que ficaram ainda mais nítidas quando retornei a escola na qual fui alfabetizada e pude viver “o outro lado”. Pois sempre que busco nas minhas memórias todo o processo de alfabetização vivido, posso afirmar o quanto foi valioso, repleto de boas lembranças e muito aprendizado. Ao longo deste trabalho haverá sempre o paralelo entre a teoria e a prática, entre o passado e o presente, entre as escolhas que fiz e as que fui sendo guiada e conduzida a fazer.

Palavras-chave: memorial; alfabetização natural; experiência profissional.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1 HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

2 MEMÓRIAS VIVIDAS SOB INFLUENCIA DA FAMÍLIA

3 MINHA ALFABETIZAÇÃO

4 COMO SURTIU O INTERESSE POR PEDAGOGIA

5 MINHA TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

6 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE ALFABETIZAÇÃO – MÉTODO NATURAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste num Memorial de Formação. Neste, pretendo trazer aspectos da minha vida pessoal, bem como da profissional de forma a estabelecer relações entre as minhas experiências de vida, minha alfabetização e meu estágio no 1º Ano do Ensino Fundamental (antiga alfabetização). Tanto a minha alfabetização como o estágio foram feitos no Colégio Nossa Senhora das Mercês, que tem como base para transmitir conhecimentos, o Método Natural. A construção desse trabalho foi realizada como uma linha do tempo, trago aspectos da minha história de vida em geral, incluindo minhas relações familiares, pontos que considero importantes da minha alfabetização, o interesse pelo curso de pedagogia, a minha trajetória na universidade e as minhas experiências no estágio.

INTRODUÇÃO

Um memorial consiste em trazer aspectos, buscados na memória, de uma trajetória de vida. É uma narrativa dessa trajetória que ao realizar essa análise de vivências, o sujeito se forma. Formação é autonomia, liberdade, reflexão, experiência de vida. A reflexão sobre aspectos formadores de vida - pessoal e profissional- resulta no Memorial de Formação, pois através dessa rememoração, dessa autorreflexão das experiências vividas, o sujeito se forma.

A importância do Memorial está relacionada a possibilidade que o sujeito tem de fazer uma ação – reflexão – ação, que corresponde ao sentido que ele vai dar a sua própria vida. Ao voltar a memória e buscar acontecimentos marcantes, o sujeito compreende que fez escolhas durante a vida, escolhas essas que foram responsáveis para a formação da história de vida do sujeito. Assim, pode-se concluir que o sujeito é aquilo que ele produz da sua própria história. Um memorial é a construção da história de vida do sujeito, através do resgate do que ele viveu, que tem como objetivo compreender a sua formação.

Durante a construção do memorial, o sujeito confere novo significado àquilo que passou, com o olhar de hoje. Na própria narração, isso já está esclarecido através das expressões utilizadas. A escrita do memorial é muito livre e se assemelha a um diário, onde o sujeito narra acontecimentos e fatos da própria vida. Mas ao mesmo tempo se diferem, pois o diário é secreto, e o memorial, na perspectiva de um trabalho de conclusão de curso (TCC), começa a ser pensado e refletido. A elaboração do memorial é feita passo a passo, de acordo com as experiências vividas pelo sujeito-narrador, com o objetivo de refletir a sua prática.

Após adquirir alguns conhecimentos sobre o conceito de memorial de formação, na disciplina Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, com a docente Vera Fartes, me interessei e aceitei o desafio de produzir meu TCC em cima das minhas experiências de vida. Iniciei construindo uma escrita livre e informal, fatos, casos, situações que lembrava sobre a minha vida pessoal e profissional. Paralelo a isso, foi fundamental também escolher uma ideia central para a narrativa, dando-lhe um foco ao texto, além de buscar referencial teórico que possibilitasse o diálogo desta narrativa com esses autores.

A escolha por essa modalidade de trabalho se deu porque considero importante o professor fazer uma reflexão da sua prática, a fim de estabelecer pontos positivos e negativos para serem modificados em prol de uma melhoria na transmissão do conhecimento. Isso não se limita somente aos professores, posso afirmar que qualquer pessoa que faça essa reflexão mudará seus pensamentos, formas de agir, passará a refletir ações de forma diferente, uma vez que a análise das experiências vividas forma o sujeito.

Durante a construção do meu memorial de formação, trouxe aspectos da minha história de vida pessoal e profissional, com o objetivo de compreender e descrever alguns aspectos da minha formação pedagógica mediante uma rememoração da minha trajetória de vida e formação. Ao tempo em que buscarei compreender também aspectos relevantes do meu estágio de alfabetização. Dessa forma, organizei minha narrativa em partes da minha trajetória, iniciando com uma reflexão sobre histórias de vida e formação, dialogando com Marie-Christine Josso; em seguida apresento aspectos da minha vida pessoal divididos da seguinte forma: do nascimento aos dias atuais e as relações familiares; aspectos da minha alfabetização; como surgiu o interesse por pedagogia; minha trajetória na universidade e por fim minhas experiências no estágio de alfabetização, realizado no Colégio Nossa Senhora das Mercês, que tem como base o Método Natural de Alfabetização.

1 HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

Discorrer sobre histórias de vida e formação significa estabelecer relações entre esses aspectos de forma a narrar histórias de vida em função da formação. História de vida, como o nome já diz, é o processo vivido pelo sujeito, e formação é compreender o lugar desse processo em prol da aprendizagem. Dessa forma, considero importante realizar esta reflexão na vida do sujeito aprendente.

A partir da rememoração, ou seja, da busca na memória, dessas experiências o sujeito se forma, ele aprende, ele constrói sua identidade. Marie-Christine Josso (2004) realizou um estudo com o objetivo de apresentar sua concepção sobre o que é a formação. Para ela, formação é um conceito inicial que proporciona ao sujeito, o contato com outros conceitos como: experiência, aprendizagem, conhecimento, consciência e identidade. Com isso percebe-se que a formação é um conceito gerador de aprendizagem.

Quando um sujeito constrói um Memorial de Formação ele está disposto a aprender com a sua própria experiência, a fazer uma recordação-referência que é entendida como uma experiência formadora porque o que foi aprendido serve, a partir daí, como referência. Pois, à medida em que é construída uma narrativa de formação vai sendo tomada a consciência de sua identidade. É a chamada Aprendizagem Experiencial que possibilita ao sujeito a capacidade de resolver problemas que não tem soluções teóricas, pois se referem a sua própria história de vida.

“As experiências, de que falam as recordações-referências, constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida.” (JOSSO, 2004, p. 43)

Quando ouvi falar desse tema, me interessei muito, pois ele representa a “prática na teoria”. O que vivemos, as nossas experiências (práticas) justificam a teoria, ou até mesmo a formam. O interesse surgiu devido às experiências vividas por mim, que resultaram na minha formação. Durante toda a minha vida, estabeleci contatos que propiciaram um aprendizado, e avalio que

com outros sujeitos também seja assim. Seja um ensinamento de um professor ou uma experiência vivida em qualquer etapa da vida.

Quando vivemos algo de negativo, é natural tomar como lição, como experiência para não repetir o mesmo erro, buscaremos sempre agir diferente. Isso significa que aquilo nos tocou, nos marcou de forma que tomamos uma outra postura. Isso é utilizar a experiência para formar-se. Assim também acontece com as histórias de vida. De acordo com essas experiências vividas, formamos a nossa identidade e personalidade, pois dessa forma avaliamos o que é bom ou ruim para absorvemos para a nossa vida.

“São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro” (JOSSO, 2004, p. 40)

2 MEMÓRIAS VIVIDAS SOB INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

Me chamo Roberta Cabral Rangel e minha história de vida começa na adolescência de minha mãe, que após terminar um relacionamento de 5 anos com um namorado, conhece meu pai, se apaixona e, de repente, me concebe aos 20 anos. Estudante e dependente dos pais, minha mãe foi morar com meu pai na casa de minha avó paterna, no Politeama, Salvador. Meu avô materno exigiu o casamento, realizado no dia 24/11/1990.

Em 16/05/1991 eu nasci, e após 6 meses de vida, meu pai disse não estar preparado para viver uma vida de casal, que estava muito novo para se prender a alguém. Minha mãe então voltou para casa de seus pais, em São Tomé de Paripe. Após um tempo, minha mãe terminou os estudos e começou a trabalhar, e eu fui estudar numa escolinha perto da escola onde minha dinda (irmã de minha mãe) estudava, no Barbalho. Minha dinda me levava e me trazia no colo, no ônibus cheio.

Quando completei 2 anos, fui estudar no Colégio Nossa Senhora das Mercês por vontade de minha avó paterna, Ana Rosa. Ela que sempre pagou minhas despesas com escola e assistência médica. A família dela estudou toda lá, era tradição. As Mercês ficam na Avenida Sete de Setembro, então por ser muito longe da suburbana, onde eu morava, fui morar com meu pai e minha avó, e só passava os finais de semana com minha mãe.

Quando completei cinco anos, meus avós maternos se mudaram para Pernambuco, e eu então fui morar com eles de volta e ia para a escola de transporte escolar. Meu avô sempre foi maravilhoso comigo, ele me criou, foi meu pai a vida inteira, pois a partir dessa época eu passei a ver muito pouco meu pai. Só passamos um ano nessa casa, mudamos pro Corredor da Vitória, eu, minha mãe, minha avó Darcy, meu avô Manuel e minha tia-dinda Lia Fernanda. Morei lá de 1998 a 2001. Comecei a criar independência, minha mãe me colocava no ônibus e eu ia para a escola sozinha, e minha vó ou avô ia me buscar.

Meu avô, o paizão que sempre foi pra mim, me dava muito carinho, mimos e dengos. De repente, meu avô recebeu uma proposta de emprego e passou 3 meses numa cidade no interior. Sofri muito, não queria ir para a escola, não brincava mais lá, era como se a vida não

tivesse mais graça. Me lembro que escrevia muito num diário sobre a minha dor. Minha mãe, então preocupada, me levou no Psicólogo, fiz terapia por 2 anos, enfim...

Quando meu avô voltou fiquei muito feliz, porém, ele já voltou dizendo que ia embora, que não ia mais morar com a gente. Na verdade, minha mãe inventou essa viagem, pois ele tinha outra mulher. Então, fiquei sem chão, de repente eu não tinha mais pai, nem avô/pai. Ele foi embora, e continuamos a morar minha mãe, dinda e avó. Meu avô passou a dar uma parte do dinheiro para as despesas e as coisas ficaram difíceis, pois minha avó não trabalhava, minha dinda era professora e minha mãe trabalhava no financeiro de um escritório de advocacia. Então, minha dinda e avó conversaram com minha mãe e disseram que ela teria que dar mais dinheiro para ajudar nas despesas de casa, mas ela não tinha mais condições. Então, fomos embora de lá, novamente fui morar com minha avó paterna, Ana Rosa (no Politeama) e minha mãe foi morar com uma amiga no Cabula.

Passamos novamente a nos ver somente nos fins de semana. Meu pai já não morava mais com minha avó, pois ele tinha casado e morava com a esposa e uma de minhas irmãs, pois a outra morava com a mãe dela. Continuei no psicólogo, porque era muito difícil pra mim com apenas 10 anos digerir essa história toda. Minha mãe só passou 3 meses lá, mas durante esse tempo ela vinha e dormia na casa de minha vó comigo, porque sentíamos muita falta uma da outra. Até que ela conversou com minha avó e ela veio morar com a gente.

Estranho, mas foi assim. Depois de um tempo meu pai se separou da esposa e então voltou para casa da mãe dele, onde eu e minha mãe estávamos morando. Minha bisavó que mora em cima da minha avó, ofereceu um quarto para ficarmos. Minha mãe pagava a conta de luz, e fazia mercado para ajudar nas despesas de lá.

Minha mãe então queria tomar uma providência na vida, e com muito sacrifício conseguiu alugar um kit net na mesma rua de minha avó. Porém, ela foi sem mim porque não cabia nós duas. Eu, às vezes, ia lá dormir, mas lá não tinha nem guarda roupa. Mas pelo menos estávamos próximas uma da outra. Como Deus é bom, a casa de cima ficou vazia e minha mãe alugou, pois era quarto e sala, muito pequeno ainda, mas deu pra ficarmos as duas.

Moramos lá por dois anos, quando a dona da casa pediu a chave. Procuramos muito por um lugar por aqui perto, para não sair de junto de minha avó, que sempre fez tudo por nós duas. Encontramos uma casa em frente à casa de minha avó, bem maior do que a outra, de dois andares, e então minha avó nos ajudava financeiramente. Com o tempo, fomos reparando que a casa estava acabada, cheia de problemas e passamos a utilizar somente o primeiro andar da casa. Então começamos a procurar outro lugar, mas não encontrávamos nada.

Nesse meio tempo minha avó se aposentou e pôde nos ajudar ainda mais. A dona da casa então pediu rescisão de contrato e deu aviso de um mês somente. Não conseguimos achar outro lugar, tivemos que devolver a casa, e ficamos um mês na casa de uma amiga de minha mãe, no mesmo bairro. Algumas coisas nossas ficaram na casa de duas tias minhas, tudo desmontado. Por um acaso, passei num prédio e falei com o porteiro se tinha algum apartamento pra alugar, e ele disse que não, mas pegou meu telefone, pois qualquer novidade me ligaria.

Quando cheguei em casa ele me ligou informando do apartamento que surgiu, fomos logo olhar e adoramos, minha avó concordou também e prometeu nos ajudar mais ainda, pagando o condomínio pois queria a gente perto dela. E é aqui que estou hoje. Foram muitas mudanças da minha vida, porém, hoje, me sinto muito feliz por poder estar junto de minha mãe no nosso lar e próxima da minha avó paterna.

3 MINHA ALFABETIZAÇÃO

Lá nas Mercês se encontra uma parte da minha história de vida. Começando pela Educação Infantil com as “prós” Iraildes, Patrícia e Tatiana que me ensinaram as primeiras noções de normas e regras necessárias para uma convivência sadia no grupo e na sociedade. Aprendi também a trabalhar minha coordenação motora fina e grossa, entre outros conteúdos previstos no RCN (Referencial Curricular Nacional).

Das três, quem mais me marcou foi pró Tati, ela era pequenininha, meiga, carinhosa, sorridente e tinha um cabelão que eu adorava pegar. Lembro-me que conhecia duas professoras que poderiam ser minhas na alfabetização: Pró R. e Pró Ana Paula. Não ouvia falar muito bem de R., então rezava pra não cair na turma dela, e para minha felicidade fiquei com pró Paula, uma professora nova na casa, mas muito competente, engraçada e boazinha.

Eu e meus colegas gostávamos muito dela. Me lembro das rodinhas que costumávamos fazer, lembro também da hora do lanche, onde aproveitávamos pra conversar, a hora do descanso onde cada um colocava sua toalhinha no chão. Nesse momento me lembro bem de Thayane, Cláudio e Matheus, a gente conversava bastante, dava risada e brincava ao invés de descansar. Era muito bom, sinto muita falta desses momentos. Ainda mantenho algum contato com Claudio e Matheus, pois eles mudaram de escola, mas Thayane é minha amiga até hoje.

Como o método alfabético utilizado nas Mercês é o Natural, o mesmo tem como base o estudo de fonemas, ou seja, o estudo do som que a letra sozinha, faz. Lembro bem de pró Paula mostrando as letras numa carta grande, e nos ensinando o som daquela letra, não se fala o nome da letra B, P, F, V e etc., e sim o som que ela faz “bâ” “pâ” “fffff” “vvv”. Era fascinante e curioso, eu adorava, ficava repetindo e me encantava com aqueles sons que eu também podia produzir. Como já tínhamos adquirido o conhecimento dos sons das vogais, íamos formando sílabas, palavras, frases, a cada dia era uma nova descoberta.

Já minha mãe, não gostava do método utilizado, pois achava lento, demorado, achava que eu não estava aprendendo nada; foram dadas as férias de junho e eu não sabia ler. Minha dinda, que é professora, sempre pedia calma e paciência a minha mãe, que cada escola tem seu

método, e eu iria aprender a ler sim. Quando voltaram às aulas, foi a surpresa, em pouco tempo cheguei em casa lendo tudo, sem gaguejar. Para minha mãe foi uma verdadeira surpresa, foi mágico, ela não sabia como aquilo era possível e foi, tanto que até hoje ela diz que leio muito bem e que devo isso às Mercês.

Lembro também de uma apresentação que me vesti de índia, usei a fantasia que era de meu pai quando pequeno, minha mãe fez trancinhas em mim e a pró pintou meu rosto. O que mais me marcou na alfabetização foi no final do ano, onde tínhamos produzido um livro, onde a história era criada e escrita por cada criança. Escrevíamos e íamos desenhando página por página, a capa era um cachorro pintado de marrom, pois sempre foi o animal que mais gostei, apesar de nunca ter tido um.

Esse livro foi autografado e dedicado aos nossos pais. Me senti uma escritora mesmo, sentada numa mesa, com meu livro e autografando, tirando fotos, eu via o orgulho que minha mãe sentia de mim. Foi lá que fiz amigos de verdade, alguns desde o maternal (Thayane Caetano), outros que conheci no ensino fundamental e outros no ensino médio. Costumo dizer que as Mercês é a minha segunda casa.

4 COMO SURTIU O INTERESSE POR PEDAGOGIA

Como morei por muito tempo com minha tia/dinda que era professora, sempre a via corrigindo provas, elaborando atividades e eu gostava de imitá-la. Como sou filha única por parte de mãe, arrumava minhas bonecas todas sentadas, e brincava de escola. Mas, apesar disso, eu nunca disse que queria ser professora, desde pequena eu queria ser médica pediatra por gostar muito de crianças e querer cuidar delas.

Ao longo do tempo, fui mudando minha escolha por conta das disciplinas que eu tinha afinidade serem da área de humanas, apesar de gostar de matemática também. Cheguei ao 3º ano do ensino médio sem saber o que fazer no vestibular, mas tinha um interesse no curso de direito, porém, por ouvir muito falar em UFBA, tanto na escola quanto em casa, por minha mãe, eu achava que não tinha capacidade de passar. Então, resolvi resgatar aquela minha vontade de trabalhar com crianças, e resolvi fazer pedagogia.

Fiz a primeira fase do vestibular sem acreditar que passaria. Fiquei muito surpresa e resolvi agarrar a oportunidade com toda força, me esforcei muito, estudei bastante para me preparar para a segunda fase, pois é específica e subjetiva. Deu certo, passei!!!! Fiquei muito feliz, minha família ficou tão orgulhosa de mim que resolvemos dar uma festa para comemorar. Eu estava muito feliz.

Comecei a entrar em contato através das redes sociais com pessoas que passaram no vestibular junto comigo. Fui lendo os perfis das pessoas, e nenhum se encaixava comigo, até que achei: Gabriela Soares, 17 anos, saiu da escola direto para a universidade. Pronto, começamos a conversar, trocar ideias e até hoje estamos juntas na faculdade e tenho certeza que essa amizade vai muito além desses 4 anos de convivência. O mais importante disso tudo é saber que é isso que quero fazer pelo resto da minha vida, estou realizada com a minha profissão.

5 MINHA TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

Aquele ambiente era uma coisa nova para mim, uma vez que tinha passado 15 anos da minha vida na mesma escola, cujo ambiente era muito familiar e foi muito difícil essa ruptura, chorei muito, disse que queria voltar ao tempo e viver tudo de novo (o que considero bom). No dia da minha matrícula na UFBA, levei minha mãe, pois era tudo muito novo e eu não sabia como agir, já que sempre fui tímida para fazer novas amizades. Com um tempinho fui criando afinidades com algumas colegas, e que são praticamente as mesmas de hoje.

Eu passei uma boa parte da vida sem precisar pegar ônibus para ir a escola, pois a mesma fica a 5 minutos da minha casa. Quando fui à faculdade precisei pegar ônibus e aprender a me virar sozinha, eu achava estranho também o fato de não usar farda (não que eu não soubesse como funcionava uma universidade), mas o colégio onde estudava era religioso e tinha calça, blusa e tênis compondo a farda. E até isso foi ruim para me adaptar, apesar de ter gostado de não precisar usar mais tênis.

Meus primeiro e segundo semestres foram os de maior dedicação, pois eu não trabalhava e tinha tempo para fazer visitas de campo, com objetivo de preparar melhor meus seminários, trazendo uma visão prática. Fiz visitas a três escolas no primeiro semestre, duas da rede pública e uma da rede privada. Na disciplina Sociologia da Educação, com o objetivo de entender a relação da escola com a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador e na disciplina Organização da Educação Brasileira, com o intuito de saber um pouco sobre o financiamento da educação básica.

No segundo semestre cursei uma das disciplinas que mais me marcou durante o curso – Avaliação da Aprendizagem. Apesar de achar que ainda estava muito cedo pra cursar tal disciplina, por ainda ter uma visão fechada e radical de que para avaliar bastava dar nota e pronto, soube aproveitar muito bem. A metodologia utilizada pela professora foi baseada em diversos estudos de autores relacionados à avaliação e isso fez com que eu descobrisse muitas questões envolvidas no ato de avaliar e perceber tudo que está incluso nesse processo.

No terceiro semestre fui convidada a estagiar no Colégio Nossa Senhora das Mercês, e fiquei muito feliz, pois estava voltaria àquele lugar. Ao mesmo tempo peguei cinco disciplinas na faculdade que sinceramente não vi necessidade de ter. Estas foram: Matemática, Português, História, Geografia e Ciências, todas voltadas para o ensino fundamental. As aulas eram de conteúdos que se aprendem no ensino fundamental, o que me desestimulou muito. Porém, no quarto semestre, peguei as metodologias de cada uma dessas disciplinas, o que foi bastante proveitoso e de excelente aprendizado. Quando ingressei no quinto semestre, peguei a disciplina Alfabetização e Letramento, onde aprendi sobre a aquisição da língua escrita de acordo com os estudos de Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1996).

Ao mesmo tempo estava estagiando na turma de 1º Ano do Ensino Fundamental (antiga alfabetização), e foi encantador porque eu consegui estabelecer a relação entre teoria e prática, que sempre ouvimos falar na universidade. Essa relação foi estabelecida, pois o Método utilizado nas Mercês é o Natural, fundamentado numa metodologia baseada em aspectos da aquisição da língua escrita, através de fonemas. A partir daí nasceu minha paixão pelo processo de alfabetização.

Quando cheguei ao sexto semestre, cursei a disciplina Pesquisa em Educação, onde eu deveria começar a pesquisar sobre o meu tema, e já estava decidido, era a alfabetização, porém eu não sabia como aprofundá-lo. Chegando ao sétimo semestre, na disciplina Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso conheci o Memorial de Formação e optei por criar meu projeto trazendo aspectos da minha alfabetização relacionando com minha experiência no estágio do 1º ano, pois ambos foram realizados na mesma escola, através do mesmo Método.

Chegando ao final do semestre, estourou a greve na UFBA, com duração de 3 meses, que quebrou completamente o processo que havia seguido. Durante esse tempo, não consegui me dedicar muito ao meu Projeto, pois estava realmente desestimulada. Não tinha previsão de fim da greve, e foi um aspecto negativo da minha formação. Assim que voltou, dei continuidade, concluí as disciplinas que faltavam e entrei de cabeça na construção deste trabalho.

6 EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE ALFABETIZAÇÃO

Tomando como base um dos estudos de Freinet, “O Método Natural I - a aprendizagem da língua”- pude realizar uma análise geral sobre o método em questão. Celestin Freinet (1977) acredita que as conquistas e os avanços apenas serão alcançados através da Tentativa Experimental, que é proposta pelo Método Natural. O Método Natural consiste na aprendizagem baseada no comportamento do indivíduo, no ambiente (familiar e escolar) que está inserido e na criação livre e espontânea, que tanto se difere da aprendizagem pelo Método Tradicional.

O ponto de partida para o alcance dos objetivos de Freinet é a sua pedagogia, que tem como base a Tentativa Experimental, que é a própria manifestação dos processos da vida. Dando um exemplo básico, o bebê aprende a falar através da imitação repetitiva da fala do adulto, que deposita nele as suas ansiedades. Até ele conseguir pronunciar as tão esperadas palavras: "mama" e/ou "papa", ele utilizou-se da tentativa experimental, na qual tentam, persistem, até alcançar o esperado objetivo. Dessa mesma forma, o bebê que engatinha e começa a andar, e assim acontece com todos os processos da vida.

Na escola não é diferente. A aquisição da leitura e da escrita se dá da mesma forma. Analisando por etapas, a criança da Educação Infantil (1 a 5 anos de idade) se expressa inicialmente através de desenhos, denominados garatujas (rabiscos) que para o adulto pode não ter significado algum, mas quando a criança é perguntada sobre o que desenhou, ela imediatamente responde. Com o passar do tempo e do desenvolvimento das habilidades motoras, em seu desenho, vai aparecendo a forma da figura humana - denominada célula - que mesmo não sendo perfeita se aproxima muito do esperado.

Com esse exercício de questionar a criança sobre o desenho realizado, o educador avalia também a oralidade da mesma, que é muito importante no processo de aprendizagem pelo Método Natural. Dando continuidade a essa evolução artística, em seus desenhos vão surgindo algumas letras, que devem ser consideradas como uma forma de escrita, e que podem ser avaliadas como grafismo. Por que será que surgem essas letras, sendo que não foram ensinadas?

As crianças são indivíduos que vivem da representação do adulto. Elas estão o tempo todo observando e imitando-os. Dessa forma entende-se o porquê delas produzirem coisas que não lhes foram ensinadas diretamente. Elas observam os adultos escrevendo e não desenhando para se comunicar, e desejam entrar nesse mundo o quanto antes. Essa representação propõe às crianças criarem espontaneamente, inovarem, pois além do desenho, já surgem algumas letras. Essa é uma característica própria do Método Natural, que deixa a criança livre para produzir o que desejar. Já no Método Tradicional isso não ocorre, pois o mesmo está pautado num ensino mecânico, que visa obedecer regras e cumprir metas.

Partindo dessa ideia de produção livre e espontânea, a cada passo observa-se uma evolução gráfica e oral nas crianças, e esse processo se dá através da tentativa experimental, que como o nome já diz é o resultado da experiência. A partir desse resultado, a criança repete as tentativas conseguidas, com segurança e rapidez, porque dentro desse processo, ela encontra instrumentos e meios para alcançar sua autonomia. Nesse estágio, a criança praticamente abandona os desenhos e parte para a escrita, que é natural, pois ela não se preocupa se está escrevendo correto, apenas escreve. A partir daí, por volta dos 5, 6 anos, a criança toma consciência de que existe outro meio de expressão, que é a escrita.

"O Método Natural é essencialmente um método de vida" (FREINET, 1977, p. 166), porque permite que a criança desenvolva-se de forma autônoma através da livre expressão; que o apoio da família é fundamental nesse processo; que o método favorece um equilíbrio a essa criança, ele a prepara para ser uma cidadã consciente de seus atos e pronta para a vida. Ai está o diferencial desse método.

O Método Tradicional não propõe esses preparos a sua criança, ele utiliza-se de textos prontos para que as crianças aprendam a ler, o que prova que ela vai ler, mas não vai compreender o que está escrito. Já no Método Natural, as palavras iniciais que são apresentadas às crianças fazem parte do seu contexto e aparecem com uma figura ao lado, para facilitar a memorização. A criança que lê através do Método Natural compreende o que está lendo, o seu significado, enquanto que a criança que lê através do Método Tradicional está apenas decifrando um código.

Com isso, Freinet (1977) realizou um estudo caracterizando a evolução desse processo natural da tentativa experimental para o domínio da língua, que consiste em três etapas: a primeira tem com característica os pequenos textos compostos apenas de sujeito, verbo e complemento, por exemplo: *o passarinho voa no céu.* ; na segunda etapa, começa o trabalho de compreensão e criação, onde o educador permite que cada criança desenvolva essa necessidade de escrever, que é um exercício indispensável nesse processo; a terceira e última etapa corresponde à construção do texto de forma coletiva e colaborativa, o professor junto com as crianças constrói textos no quadro, com as sugestões dadas por elas com a orientação do professor. Esses três estágios são caracterizados por serem de livre expressão da escrita.

Com esse Método de ensino - o Natural – Freinet (1977) acredita proporcionar aos alunos uma aprendizagem pautada em valores individuais, familiares e escolares. A criança atinge o objetivo proposto que é a leitura e escrita, mas paralelo a isso, estão se conhecendo como indivíduo autônomo, participante de uma sociedade e com uma compreensão de mundo que os outros Métodos - como o Tradicional - não possibilitam.

“Realmente, só acredito em domínio do conhecimento quando ele é construído através da leitura e do estudo, fundamentado na experimentação da prática da realidade, quando há interação do estudioso com o meio e objeto de estudo”. (RIZZO, 2009, p.9)

Gilda Rizzo (2009), em seu livro “Alfabetização Natural” objetiva provar para os leitores o quanto a alfabetização natural facilita o processo de aprendizagem do aluno e o trabalho do educador. A terminologia “Método Natural de Alfabetização” foi substituída por “Alfabetização Natural”, na nova edição do livro (4ª edição revista e atualizada) com o intuito de enfatizar mais o processo experimentado pelo aluno do que a metodologia que o leva a aprender.

“Para que ocorra a leitura, basta apenas que haja estimulação ambiental, da mesma maneira que esta foi também indispensável à aprendizagem, anterior da fala.” (RIZZO, 2009, p. 38). É importante enfatizar que o objetivo da alfabetização natural não é de levar o aluno a ler e escrever somente, mas também de orientá-lo na construção social e moral do homem. A partir

daí Rizzo (2009) lista as características necessárias para a aquisição da aprendizagem pela alfabetização natural: conhecimento de palavras; escolha do vocabulário; estabelecimento de regras de convivência geradas pelo próprio grupo; possibilidade de realizar um trabalho livre e criador e introdução de leitura de imagem.

A alfabetização natural caracteriza-se como uma metodologia de estímulo que está dividida em três fases distintas que possuem características semelhantes: fase I: Pré-leitura; fase II: Leitura Real e fase III: Desenvolvimento Rápido da Autonomia. A primeira fase começa cedo, ainda quando bebês, e seus pais e familiares conversam com eles, contam histórias, escrevem na sua frente, tudo isso sem formalidade. Na Educação Infantil essas experiências são ampliadas quando as crianças mantêm contato com livros, brinquedos, jogos de uma forma livre, sem intenção de ensiná-los. Quando a criança inicia seu processo de alfabetização, por volta dos 5,6 anos, são apresentados a ela diversos materiais e recursos de trabalho para iniciação da fase da pré-leitura.

A alfabetização natural visa apresentar às crianças um vocabulário composto por mais ou menos quarenta palavras, que são escolhidas pela turma. Como o início de qualquer processo, isso é lento, em grupo, as crianças escolhem a palavra a ser estudada, que por sua vez, são palavras que estão sempre relacionadas ao cotidiano delas. Ao ser escolhida a palavra, a professora solicita às crianças que pesquisem em casa e tragam informações sobre ela. E assim por diante. Em seguida partimos para o processo de escrita dessas palavras que é feita com a letra script. Letra esta escolhida pelo método como sendo mais fácil de aprender devido à possibilidade que a criança encontra de escrever todas as letras do alfabeto com apenas dois movimentos: o círculo e o traço na vertical. Atingindo esses objetivos, a professora propõe às crianças produzirem um vocabulário de apoio que contém a palavra estudada e o desenho da mesma, que deverá ser pregado na parede da sala.

Com a exposição desse material, as crianças podem consultá-lo quando tiverem dúvida e com essa visualização, podem memorizar tais palavras. A partir daí a professora introduz o ensinamento de alguns verbos que devem corresponder a ações no tempo presente do indicativo e serem conjugados na terceira pessoa do singular. Os adjetivos, nessa fase, são limitados às cores, pois elas podem ser representadas através da pintura, uma vez que a escrita dos nomes das cores não é possível.

Com a assimilação desses conteúdos, as crianças conseguem construir com autonomia, frases como: *O sol é amarelo (pintura da cor) ou O cavalo pula*. Para apoiá-los nesse processo, além do vocabulário de apoio, existe na sala a caixa de frases que contém cartões com palavras utilizadas e conhecidas por eles, que vão ser montadas na bolsa de leitura, antes de serem escritas. Ao final dessa fase, as crianças aumentam ainda mais sua capacidade de escrita, formando pequenos textos de 3 a 5 linhas, com palavras do vocabulário aprendido. Por exemplo: *Bruno tem um avião. O avião é vermelho. O avião voa, voa.* (RIZZO, 2009).

A fase seguinte, da leitura real, só pode ser iniciada se a criança dominar os critérios de aprendizagem da fase anterior (pré-leitura): “a criança deve ser capaz de ler, com compreensão, textos de, pelo menos três linhas, formados por alguma das 35 a 40 palavras conhecidas do vocabulário básico da turma” (RIZZO, 2009, p. 219). A partir daí são proporcionados às crianças diversos estímulos para que elas se insiram num processo analítico de percepção de detalhes, para descobrir o som de cada letra e assim conseguirem ler palavras novas, sintetizando enfim, na escrita de palavras que nunca viram antes.

O primeiro estímulo a ser apresentado é a *preguicinha*, que corresponde, inicialmente, à leitura de palavras do vocabulário da turma de forma lenta. A professora escreve no quadro uma palavra conhecida pela turma de forma pausada, dando ênfase ao som de cada letra. Em seguida ela lê a palavra num ritmo normal acompanhada da turma. Outro tipo de preguicinha é realizado com uma tira de cartolina, onde a palavra está escrita num papel, e a tira vai passando, mostrando letra por letra, ao tempo em que a professora pronuncia junto com a turma o som de cada letra individualmente, até surgir a palavra completa, que por sua vez, deve ser lida em ritmo normal. O mecanismo da preguicinha sendo adquirido pelas crianças, o educador está pronto para ensinar palavras desconhecidas, que serão descobertas com o auxílio da preguicinha.

Outro estímulo importante é a *caçada*, que consiste na escrita da palavra inteira no quadro dando ênfase ao som que está sendo estudado. Por exemplo: a professora está trabalhando o som da letra P, ela escreve no quadro a palavra “papai”, e com o auxílio do giz vermelho ela “caça” o som P cobrindo-o e o escrevendo em baixo. Esta atividade pode e deve ser realizada

individualmente, cada criança com seu caderno, fazendo a sua atividade. Adquirindo esses conhecimentos, a criança precisa sistematizar os sons aprendidos, que pode ser feito através de ditados, dependendo exclusivamente da pronúncia correta da professora para que a criança escreva exatamente como ouve (por isso a oralidade se faz tão importante nesse método).

Acontecem alguns casos de crianças que tem dificuldade na fala, e escrevem do jeito que pronunciam. É o caso de B. (aluno do 1º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Nossa Senhora das Mercês). Isso significa que ele compreendeu perfeitamente o que lhe foi ensinado, mas o que o impede de escrever certo é a dificuldade na fala. Com o auxílio desses recursos, a criança atinge o objetivo desta fase e está apta para a terceira e última fase, a do desenvolvimento rápido da autonomia.

A alfabetização é um processo longo que implica em autonomia intelectual, organização de ideias e criatividade, que a leitura e escrita somente, não vão proporcionar. “O método de alfabetização natural é rico em recursos pedagógicos de estimulação” (RIZZO, 2009, p. 224). Mas a utilização de recursos, que não são construídos pelo método, também ajuda consideravelmente no avanço rápido, necessário nesta fase.

Alguns meios e recursos de promoção dessa fase são: jornais, que podem ser produzidos em sala, estimulando as crianças a criarem uma notícia, colocando título e ilustrações ou solicitando que as crianças pesquisem em casa alguma notícia no jornal e levem para a classe, onde elas fazem a leitura e depois realizam o reconto e a ilustração; relatórios de vista a algum local da escola que não costumam ir, onde serão questionadas se gostaram, o que acharam, quais as características do local, e cada uma produzirá o seu relatório contando sobre a experiência; convites para alguma exposição em sala, em que o professor solicita que as próprias crianças o elaborem e entreguem aos professores das outras turmas; cartas ou bilhetes que são comuns entre as crianças, elas escrevem recadinhos de amizade e trocam entre si na sala, de forma espontânea; composição de poesias que devem ser também estimuladas de forma lúdica e bem humorada, solicitando que as crianças usem a imaginação e façam rimas; a contação de histórias pela professora, ou até mesmo pelas próprias crianças, uma em cada dia, que aproxima a criança do interesse pela leitura e estimula a leitura rápida; a criação de histórias por eles é um recurso muito bom e que deve ser realizado diariamente nessa fase.

Sendo assim, a avaliação da alfabetização natural é contínua e diária, realizada através da observação constante do educador, que deve manter uma postura ética perante seus alunos. O registro dessa observação será feito por meio de um relatório individual e outro de grupo que é geral para a turma.

Trazendo o assunto para a prática, o Colégio Nossa Senhora das Mercês, que faz parte da Rede Ursulina, localizado na Avenida Sete de Setembro em Salvador – BA é um dos poucos a utilizar o método natural.

O Colégio possui um material que foi elaborado baseado na teoria e vivência da professora Maria de Lourdes Pereira da Silva, coordenadora pedagógica da Educação Infantil do Colégio Santa Úrsula (uma das redes Ursulina) localizado no Rio de Janeiro.

Este material é de uso exclusivo da escola e dos seus profissionais, sendo assim tive a oportunidade de visualizá-lo, mas não aprofundar meus estudos, pois o mesmo não pode sair do colégio. A professora trás referenciais teóricos que serviram como base para a construção desse material, ela perpassa por vários aspectos da educação que considera interessantes para aprendizagem da criança. Para ela, a criança deve entender a leitura como a expressão do pensamento e não como um mero mecanismo.

Para assegurar-las, o método natural propõe um ambiente que incentive a criança a descobrir seu próprio universo e representar eventos internalizados, através da espontaneidade associada ao aprendizado da escrita. Minha experiência como “estagiária alfabetizadora” no Colégio se deu de forma curiosa. O novo me assusta, nem conheço determinada coisa e a rejeito. E assim foi quando soube que iria estagiar na turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, e auxiliar a professora regente na alfabetização das crianças. Eu tentei trocar de turma, mas minha coordenadora não permitiu (e hoje a agradeço por isso). Enfim, fui obrigada a encarar o novo, o desafio de alfabetizar aquelas crianças.

Aos poucos fui aprendendo a minha função, o que deveria fazer na sala e me familiarizando com aquilo. No início aplicava jogos educativos com as crianças a fim de revisar o vocabulário aprendido no infantil V (ano anterior). A turma foi enchendo e quando

percebemos tínhamos 30 crianças na sala para serem alfabetizadas, uma grande responsabilidade! A professora, por motivos pessoais, pediu demissão com um mês de aula. Imediatamente foi transferida a professora do Infantil V, pois era mais indicada para assumir tal função. Ela solicitou outra estagiária, pois eram muitas crianças para darmos conta. A partir daí o trabalho começou a fluir de forma organizada, as crianças foram divididas em 5 grupos com 6 crianças cada, por cores. Janete, a outra estagiária, saía da sala com um grupo para aplicar os jogos pertinentes ao 1º ano, enquanto que eu ficava na sala com Deca, a professora regente, auxiliando no processo de aquisição da leitura e escrita.

Na sala tínhamos crianças que já eram alunas da casa, adaptadas ao método e outras que vieram de fora, dentre estes um aluno especial, M. M. tinha algum atraso que prejudicava sua aprendizagem e acompanhamento junto com a turma, mas a família não conversou com a escola sobre o assunto. O comportamento dele em sala era caracterizado por estar com o pensamento longe, desatencioso, mesmo olhando para a explicação da professora no quadro ele demonstrava estar em outro lugar, e isso se confirmava na hora de fazer as atividades. Com isso, eu e Deca tentávamos dar uma atenção especial a ele, mas mesmo assim era complicado, pois a família não apoiava, as atividades de casa vinham sem fazer, ele chegava atrasado e tudo isso, como já foi dito influencia na aprendizagem pelo Método Natural.

A cada aula que assistia junto com os alunos eu ficava interessada pelas características do método e me recordava da minha época de alfabetizanda, ali, daquele mesmo jeito, com os mesmos recursos. Era gratificante e encantador, eu sempre chegava em casa contando a minha mãe uma novidade, parecia que eu era aluna também. Para mim foi muito boa a experiência, aprendi aspectos do método e cresci como pessoa, aprendi também a não fazer um prejulgamento das coisas antes de vivenciá-las. O ano terminou com um sucesso, todas as crianças estavam lendo perfeitamente, conscientes e autônomas, exceto M. que infelizmente não atingiu a aprendizagem esperada e manteve-se na série.

As famílias confessaram estarem preocupadas durante todo o ano, receosas que não déssemos conta de tantas crianças, mas graças a Deus conseguimos!

No ano seguinte, 2012, pedi a minha coordenadora que me mantivesse no 1º ano, que ironia do destino! Ela atendeu o meu pedido e entrei com outros interesses, outras expectativas neste ano. Já conhecia o processo, queria vivenciá-lo novamente. Desta vez uma turma menor, com 18 crianças, mas, em compensação eram muito agitados, e gostavam de conversar, o que dificultava e tornava cansativo o trabalho. Mas com muita dedicação conseguimos realizar nosso trabalho de forma positiva e alcançar nosso objetivo que além de ensinar a ler e escrever, é de formar pequenos cidadãos conscientes, autônomos e independentes. O progresso dessa turma foi muito grande, eles amadureceram de forma gratificante.

Emília Ferreiro (1996), em seu livro “Reflexões sobre Alfabetização”, traz ideias a respeito da discussão que há entre escolher o método ideal para alfabetizar. Para ela, isso não existe, pois a ênfase do processo de alfabetização deve se dar na relação do que é ensinado e o que é aprendido. Antes de atingir a idade ideal para ser alfabetizada (seis anos), a criança mantém contato com elementos favoráveis à leitura e escrita, seja por meio de placas informativas nas ruas, agenda telefônica utilizada por seus pais, ou na própria escola ao ver cartazes espalhados pelos corredores, ao ouvir as professoras abrirem um livro e contar uma história, ou até manuseá-la fazendo a leitura imagética. Tudo isso favorece o processo de alfabetização, porque apesar da criança não saber ler, ela diferencia desenho de letras e números, ela reconhece que aquele jornal lido pelo pai todos os dias serve para informá-lo sobre algo.

Tomando como exemplo uma criança que vive na zona rural, com pais analfabetos, que estão entrando pela primeira vez na escola para se alfabetizar, ou seja, não cursaram a educação infantil, as referências mudam. Infelizmente de imediato, essa criança não terá o mesmo sucesso da outra que cresceu mantendo contato com o ambiente de leitura. Estes dois exemplos práticos servem para justificar a importância do meio em que a criança vive, no seu rendimento escolar. Isso também justifica a ideia de Emilia (1996) ao dizer que não existe um método fechado, com regras e normas a serem seguidas, que pode e deve ser aplicado com as crianças de modo que obterão o sucesso. Criança é imprevisível, mutável, ela transforma o ambiente a sua volta, absorve os conhecimentos passados e põe aspectos pessoais, tornando todo o processo alfabético construtivo.

Partindo daí trago a ideia do Método Natural, que apesar de ir contra as ideias de Emilia Ferreiro (1996) pelo simples fato de ser denominado “método”, traz uma gama de aspectos

construtivistas, a começar pela nomenclatura que também pode ser Pedagogia da Autoexpressão. Essa pedagogia vem sendo trabalhada desde a Educação Infantil, não é um fato isolado da alfabetização. Outro aspecto é a forma que essa pedagogia é aplicada, de acordo com a linguagem do aluno, com aspectos do seu cotidiano e através de registros feitos por ele, sem qualquer interferência do professor.

O professor tem o papel de ensinar, orientar, e a criança não vai fazer cópias e sim usar sua criatividade e fazer o seu. Por exemplo, no quadro, trabalhando o conteúdo “Povo africano”, a professora desenha uma comida típica da culinária desse povo, e que faz parte do contexto da criança soteropolitana, o bolinho de feijão = acarajé. Após isso a criança vai desenhar o acarajé da forma que sabe, que conhece, que viu e nunca será dito que está errado, feio ou mal feito, porque é o desenho do acarajé dele, assim como a Pró fez o dela no quadro.

Isso possibilita à criança desenvolver sua identidade e autonomia, pois ela não precisa fazer cópias nem reproduzir um desenho feito pela professora, pois é criativa e capaz de fazer o próprio desenho. Embora existam crianças que facilmente irão lidar com essa construção do próprio conhecimento, outras vão dizer: “mas eu não sei”, mudarão de humor, até chorarão se sentindo incapazes, e o papel do professor nesse caso é encorajá-las com palavras de força e as encher de elogios para que desenvolvam sua autoconfiança. Outro aspecto positivo é o “centro do lar” ou “canto da dramatização”, que deve ter em toda sala de educação infantil. É um espaço que contém uma cama, fogão, armário com roupas, mesa, tudo em miniatura para que as crianças simulem um lar nas suas brincadeiras, elas se vestem, mexem as panelas no fogão, cuidam das bonecas como se fossem filhas, enfim, exploram o ambiente procurando representar aquilo que elas veem em casa. Com os meninos não é diferente, eles entram na brincadeira com as meninas.

A sala é organizada por mesas com seis cadeiras onde cada mesa é destinada para uma atividade, por exemplo: mesa dos jogos, mesa de frases e textos, mesa de desenho e colagem, cavalete para pinturas, centro de leitura, ou seja, a sala é bem dividida e organizada. As crianças também são divididas em grupos de trabalho por cores, exemplo: grupo vermelho, azul, amarelo e verde. Quando são dados os comandos as crianças não ficam perdidas, elas sabem a que grupo pertencem e qual mesa devem se dirigir quando for solicitado. As mesas, armários e outros móveis ficam organizados de forma que deixem o espaço da rodinha

representado no meio da sala, então as crianças chegam e já sabem onde sentar. Existem ganchos para que sejam colocadas as mochilas, pias, secador para pendurar atividades feitas com tintas e cola.

Assim, considero que o processo de alfabetização nas Mercês é o mesmo até hoje. Incrível que da mesma forma que aprendi, ensinei aos meus alunos. Os materiais, recursos e a metodologia são os mesmos utilizados até hoje. Este trabalho realizado por 2 anos foi totalmente voltado para a prática, realizava jogos com as crianças, a fim de fixar o aprendizado teórico apresentado pela professora regente. Em caso de falta da mesma, eu assumia a regência da sala, explicando o assunto no quadro e partindo para atividades na mesa, feita nesses grupos divididos desde o início do ano, por cores, para facilitar nosso trabalho, separando alguns alunos de outros, e mesclando o grupo, para que um sempre possa ajudar o outro.

Algumas mães de alunos meus faziam as mesmas queixas que há 15 anos minha mãe fizera, reclamavam do método, da demora, questionando porque seus filhos ainda não estavam lendo, porque as atividades ainda eram de desenho. E eu sempre dizia calma, tudo tem seu tempo, não adianta se precipitar, e para algumas contava o exemplo de minha mãe. É muito bom poder estabelecer essa comparação como aluna e professora. Além de que o aprendizado que obtive lá foi excelente, lidei com profissionais muito solidárias na transmissão do conhecimento, com mais de 20 anos de experiência em Alfabetização Natural. Só tenho agradecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E como disse Zinho Boss, “a pessoa que dá seu melhor hoje pode esperar levar uma vida melhor amanhã. O passado só serve como referência e o futuro é mera hipótese. É no presente que construímos o sucesso”.

Após a realização desse exercício de reflexão, de busca de memórias do passado posso afirmar que hoje sou uma pessoa consciente de minhas práticas e que com certeza vou procurar agir sempre tomando como base as experiências vividas. Este trabalho de rememoração é muito importante, e essas memórias (acontecimentos e fatos) servem como referência para a tomada de atitudes.

O objetivo inicial desse projeto era estabelecer relações sobre a minha alfabetização e o meu estágio. Mas para isso passei pela reflexão da minha história de vida: o que me levou a estudar no Colégio Mercês; a quem devo a educação que tive; o que me impulsionou a estudar pedagogia e finalmente a volta ao Colégio como estagiária para colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade e a aprendizagem de experiências novas.

Na experiência é que aprendemos a fazer boas escolhas, afinal de contas se não tentarmos, nunca saberemos como poderia ter sido. É como o velho ditado “antes se arrepender por ter tentado do que se arrepender por não ter tentado”. Na vida nossas conquistas se dão através do desafio, da tentativa e assim adquirimos experiência para fazer diferente ou não. Esse é um dos princípios do Método Natural, a importância do tentar, de não julgar certo ou errado, porque em algum momento a vitória será alcançada.

O Método Natural, na minha concepção, é um excelente método para alfabetizar, pois através dele a criança se desenvolve e aprende sozinha, necessitando apenas de estímulos do educador, da família e do ambiente. Através disso ela atinge a tão esperada autonomia e consciência crítica.

Em toda minha trajetória de vida, uma das melhores experiências, de grande aprendizado foi a oportunidade de conhecer esse método e estagiar aplicando-o em prol da alfabetização dessas

crianças. Apesar de não sabermos o que nos espera no futuro, tenho a esperança de um dia poder trabalhar novamente com o Método Natural.

Para concluir cito aqui dois trechos de músicas que representam um pouco de tudo que vivi e que vivo:

“A vida me ensinou a nunca desistir
Nem ganhar nem perder mas procurar evoluir”
Charlie Brown Jr. – Dias de Luta, Dias de Glória.

“Você não sabe o quanto eu caminhei
Para chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir”
Cidade Negra – A Estrada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

FREINET, Celestin. *O Método Natural I – a aprendizagem da língua*. Tradução: Franco de Sousa e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1977, p. 1-276.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p. 37-46.

RIZZO, Gilda. *Alfabetização Natural*. Bertrand Brasil. 4. ed., 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 31-55.

